

APRESENTAÇÃO

Na apresentação deste segundo volume de *Fides Reformata* no ano da graça de dois mil e vinte, cabem alguns registros históricos que precisam ficar grafados para que as futuras gerações de leitores possam entender o momento pelo qual passam a nossa geração e a geração de nossos filhos. No primeiro volume publicamos vários artigos em edição especial, celebrando os 150 anos de nossa instituição mantenedora, o Instituto Presbiteriano Mackenzie. Por certo, trata-se de uma data marcante e muito significativa para a história de nossa escola e do próprio Mackenzie, para a Igreja Presbiteriana do Brasil e, por que não dizer, para a própria educação brasileira, considerando a extensão da influência da instituição no território nacional.

Porém, as celebrações dos 150 anos foram marcadas pela pandemia do coronavírus, também conhecida como COVID-19 (Coronavirus disease-19), o numeral referindo-se ao ano em que a doença foi oficialmente comunicada, na verdade no dia 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, uma cidade com mais de 11 milhões de habitantes. A partir daí, a contaminação do vírus espalhou-se, literalmente, pelo mundo. No dia em que escrevo, 2 de novembro de 2020, estão reportados 46,6 milhões de casos no mundo e 1,2 milhão de mortes ao redor do globo terrestre. Ainda que a letalidade do vírus não seja considerada alta na população em geral, a rápida transmissão da doença e o congestionamento dos sistemas de saúde em vários países fizeram com que o globo passasse por um *lockdown*, implicando na paralisação de diversas atividades como viagens, comércio, indústria, entretenimento e, no nosso caso, a educação e os cultos nas igrejas. Em muitos lugares houve escassez de alimentos e produtos gerada pela correria desesperada aos estabelecimentos comerciais para fazer estoques. Além das mortes, o prejuízo econômico-financeiro e também na área da saúde mental ainda está sendo contabilizado. Os efeitos da doença e das ações tomadas em função da mesma foram devastadores para muitos. A volatilidade dos mercados mundiais tem sido intensa nestes tempos. O trabalho remoto tornou-se uma realidade para milhares de trabalhadores ao redor do mundo.

Entretanto, a contagem das vítimas da COVID-19 tem sido, até o momento, motivo de muitas controvérsias, locais e globais. A maneira de contabilizar os infectados e o número de mortos e recuperados da doença varia de lugar para lugar. As medidas tomadas por diferentes países e diferentes regiões dentro deles também varia grandemente, levantando muitos questionamentos e grande polarização em torno do assunto. Além disso, a novidade da doença gerou instruções controvertidas das autoridades mundiais de saúde, o que resultou em alguns movimentos autoritários de governos com relação às medidas a serem tomadas pelas populações para a contenção da contaminação pela COVID-19.

O temor em torno do desconhecido levou a alguns lugares grande terror da morte. O ano de 2020 será conhecido pelas gerações futuras como o “ano da máscara”, uma medida adotada ao redor do mundo, mas que ainda carece de real comprovação quanto à sua eficácia.

No campo da política observam-se dois fenômenos que ainda serão estudados pelas gerações futuras: a corrupção ativa em torno das atividades de contenção da pandemia e a influência da pandemia sobre grandes pleitos eleitorais que ocorrem e ocorrerão ainda nestes tempos de tremendas incertezas. Os *lockdowns* em alguns lugares duraram vários meses e foram estritos. Em outros lugares houve maior relaxamento, sem quase nenhum controle por parte das autoridades. As consequências em termos do número de contaminações e mortes não foram homogêneas a despeito das diferenças, o que levanta ainda mais teorias sobre a maneira como a doença se espalha e como as autoridades deveriam agir e orientar a população com relação às medidas de prevenção e contenção. No Brasil, com eleições municipais em curso, as incertezas são grandes junto com o impacto econômico sofrido pelo país. Nos Estados Unidos, as tensas eleições presidenciais e legislativas, precedidas por vários movimentos que trouxeram grande instabilidade, comoção social, destruição e saques em grandes cidades, apontam para uma série de consequências relativas às situações causadas pela pandemia.

No campo da educação, os resultados da pandemia e do consequente *lockdown* são imensuráveis no momento. Quando o país começou, literalmente, a fechar nas primeiras semanas de março, as famílias começaram um processo de confinamento que impedia a continuidade das aulas em todos os níveis de ensino. Passaram-se muitas semanas até que as escolas da educação básica tivessem condições mínimas para começar algum tipo de ensino remoto a fim de que os alunos não perdessem o ano letivo. No ensino público, os resultados negativos são ainda piores, considerando que muitos alunos do sistema não têm amplo acesso à internet, deixando-os totalmente alheios à educação formal. Até o momento alguns estados conseguiram retornar às aulas presencias em seus sistemas de ensino, mas são uma minoria. Alguns estados já decretaram o fechamento do ano de 2020 inteiro, prevendo apenas algum tipo de ensino remoto. As perguntas que se levantam quanto ao nível de aprendizagem das crianças nesta modalidade são muitas. Várias escolas mostraram boa capacidade de adaptação, mas os resultados dessa rápida mudança só serão percebidos nos próximos anos.

Na educação superior – e no caso do CPAJ –, a adaptação foi mais rápida, tendo em vista que o ensino a distância já fazia parte do dia-a-dia das instituições. Praticamente não tivemos cursos cancelados, tendo sido boa parte do primeiro semestre e todo o segundo semestre letivos adaptados para o sistema remoto usando as tecnologias amplamente disponíveis por meio do Mackenzie. É claro que isto trouxe muitas consequências para a instituição e para seu corpo

discente. A oportunidade de ampliação do ensino a distância foi acelerada em muitas instituições. Porém, uma pesquisa junto aos nossos alunos, depois de algumas experiências online, revelou que a preferência pelo ensino presencial ainda é muito maior do que a opção pelo ensino remoto, pelas condições de aprendizagem e de acesso aos professores e à biblioteca. Diante da necessidade de comunicação mais ampla com os alunos e as igrejas, iniciamos o Andrew Jumper Live, programa online semanal de entrevistas e discussão de temas relativos à teologia, história, igreja, ética e reflexão bíblica.

Por motivos de consciência, obediência às autoridades e, em alguns casos, pelo temor de consequências adversas, as igrejas permaneceram fechadas por vários meses e algumas, até o momento, não encontraram maneiras de voltar a se reunir. A maior parte delas, entretanto, assim que os governos começaram a permitir a retomada de outras atividades, também começaram a se organizar para reabrir (a partir do mês de julho). Pelo relato de muitos pastores, e até por minha própria experiência com uma igreja recém-organizada, muitas igrejas cresceram nesse período de pandemia e isolamento social, tendo intensificado o número de atividades online como estudos, reuniões de oração e transmissões de cultos online. Assim como houve discussões nas diversas esferas da vida social sobre o que fazer nestes tempos atípicos, nas igrejas também aconteceram muitos debates em torno de conceitos como “culto online”, “ceia online” e outros mais. Diante da necessidade de ampliar a comunicação com os membros, muitas igrejas reticentes e tímidas quanto à presença nas mídias sociais precisaram se redesenhar para ocupar esses espaços que já eram bem frequentados por muitas outras.

Enquanto ainda estamos em meio à pandemia, agora com regras de distanciamento social mais atenuadas, também chamadas de “novo normal”, outros lugares passam por ameaças de crescimento epidêmico na forma de uma segunda onda do vírus. Nestes tempos, mantemos a perspectiva e a esperança. Na área da saúde, há grande expectativa de uma vacina que imunize a população e leve o mundo e as relações sociais e econômicas de volta aos padrões anteriores. Como será, não sabemos.

Entretanto, em todas as coisas temos lições a aprender partindo dos pressupostos teológicos que aprendemos nas Escrituras. O Senhor esteve, está e estará no controle de toda a história, com pandemia ou sem ela, como esteve no controle de outras epidemias e tragédias globais que atingiram a humanidade. No campo educacional, aprendemos que, mesmo de forma não ideal, o Senhor nos permitiu continuar a realizar o serviço que nos confiou e, assim, cumprir a nossa missão. Não só atendemos aos nossos alunos como crescemos com novos alunos que procuraram nossos cursos para poderem continuar a se aperfeiçoar para o ministério cristão. No âmbito do Mackenzie, nosso mantenedor, vimos um sério compromisso com valores que facilmente foram deixados por outras instituições de ensino que não têm caráter confessional e

valores morais: o ensino foi mantido, a criatividade dada por Deus foi usada, o sustento de centenas de famílias de professores e funcionários foi garantido durante estes tempos difíceis de recessão econômica. Vimos a mão poderosa do Senhor nos assistindo. Vimos outras instituições sérias e comprometidas sofrerem e sucumbirem diante da situação inesperada. Pudemos orar, consolar, ajudar e não nos cansar de fazer o bem, como recomenda a Palavra. Em muitas situações nos foi dada a oportunidade de manifestar a graça e a pregação do Evangelho de Cristo a homens e mulheres que já não encontravam seus motivos de esperança, depositados no mundo e não em Cristo.

Assim, o ano da graça de dois mil e vinte, mesmo com todas as lutas, luto, dores e dificuldades que tem apresentado ao mundo em que vivemos, continua sendo o ano da graça e tem nos dado grande oportunidade de experimentar a orientação de Pedro aos crentes da dispersão: “Não tenham medo das ameaças, nem fiquem angustiados; pelo contrário, santifiquem a Cristo, como Senhor, no seu coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm” (1Pe 3.14–15).

Mauro Fernando Meister
Diretor do CPAJ

Seguindo o formato usualmente adotado, este número de *Fides Reformata* apresenta seis artigos e três resenhas sobre temas bastante distintos. Na primeira contribuição, o Dr. Dario de Araujo Cardoso reflete sobre as práticas devocionais institucionais do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Servindo-se das “Cartas de Princípios” publicadas pela chancelaria universitária e de outras fontes, o autor tece considerações sobre os fundamentos bíblico-teológicos que sustentam tais atividades e mostra que elas refletem a cosmovisão reformada abraçada por esse estabelecimento confessional.

No segundo artigo, Alan Rennê Alexandrino Lima analisa um tópico controverso: a questão da possível participação de crianças, filhas de crentes, na ordenança da Ceia do Senhor. Alguns reformados, em especial os adeptos da corrente denominada Visão Federal, argumentam que, sendo os menores membros da igreja e participantes do pacto com Deus, deveriam ser admitidos à mesa da comunhão. Depois de expor os argumentos favoráveis a essa participação, o autor se serve de elementos históricos, teológicos e bíblicos para justificar sua posição contrária a essa prática.

No estudo “A relevância canônica de Crônicas por uma perspectiva literária”, Ricardo César Toniolo começa por apontar o reduzido interesse pelos livros de Crônicas em comparação com outras partes da Bíblia. A seguir, faz um levantamento comparativo das diferenças entre esses livros e os de Samuel e Reis, destacando omissões e inserções feitas pelo narrador e mostrando que elas são ditadas por estratégias que objetivam promover reflexões sobre determinados temas teológicos. Isso confere a esses livros um caráter singular e relevante dentro do cânon bíblico.

No quarto artigo, Thiago Jachetto de Campos analisa a expressão “anjo forte/poderoso”, encontrada em Apocalipse 10.1. Divergindo da opinião majoritária de que se trata de um anjo literal, ele argumenta em prol de uma interpretação cristológica, ou seja, o referido anjo é o próprio Cristo. O autor insiste que esse entendimento fortalece o testemunho da igreja mencionado na passagem em tela.

Na sequência, Robério Odair Basílio de Azevedo apresenta um estudo sobre a utilização de diferentes Salmos na estrutura argumentativa da epístola aos Hebreus. O autor procura demonstrar que tal uso não foi aleatório, mas teve por objetivo destacar três temas fundamentais relacionados com o Redentor: sua voz final e contínua ao povo da Nova Aliança, sua identidade como Filho de Deus e sua obra como Salvador, Rei Mediador e Sumo Sacerdote. Esses temas estão antecipados no anúncio programático do prólogo da carta (Hb 1.1-4).

O último artigo, escrito em inglês, tem por objetivo fazer uma análise comparativa de dois antigos manuais de homilética: *Prophetica*, de William Perkins, e *Methodus concionandi*, de Petrus van Mastricht. O autor, Thiago Machado Silva, oferece uma síntese das duas obras e conclui pela superioridade da contribuição de Mastricht.

Esta segunda edição de *Fides Reformata* no ano do sesquicentenário do Instituto Presbiteriano Mackenzie conclui com três resenhas. Rafael Charles Heringer Gomes escreve sobre o livro *A Origem: Quatro Visões Cristãs sobre Criação, Evolução e Design Inteligente*; Lucas Tortora Ribeiro da Fonseca analisa *Da Exegese à Pregação: Um Guia Prático para o Uso do Hebraico Bíblico* e Timóteo Julião Bila apresenta uma obra publicada em Moçambique: *Ngoma Yethu: o Curandeiro e o Novo Testamento*.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura.

Alderi Souza de Matos
Redator de *Fides Reformata*